

A Matemática da Pedagogia e as Disciplinas Complementos de Matemática e Estatística Educacional

Martha Raíssa Iane Santana da Silva¹

Wagner Rodrigues Valente²

GD 5 História da Matemática e Cultura

RESUMO

O trabalho *A matemática da Pedagogia e as disciplinas Complementos de Matemática e Estatística Educacional* apresenta resultados do projeto de mestrado que está sendo desenvolvido no programa de pós-graduação em Educação e Saúde da Universidade Federal de São Paulo. O estudo utiliza referências da História Cultural. Toma como cenário um período bastante significativo na história da educação brasileira: o *escolanovismo*. Para tanto, propõe uma análise das disciplinas Complementos de Matemática e Estatística Educacional, do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, investigando a estrutura, os objetivos dessas disciplinas na configurando do quadro da formação matemática do pedagogo.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. Formação de professores. Pedagogia.

O presente texto, que intitulamos *A matemática da Pedagogia e as disciplinas Complementos de Matemática e Estatística Educacional*³ resulta do trabalho que está sendo desenvolvido a partir da pesquisa de mestrado, no Programa de Pós-graduação em Educação e Saúde, da Universidade Federal de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Wagner R. Valente. Esta investigação também está inserida no corpo do conjunto de pesquisas empreendidas pelo Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática – GHEMAT que atualmente tem investigado, como Projeto mais amplo, a Matemática na formação do Professor do Ensino Primário em tempos de escolanovismo⁴.

Nesse processo de produção considera-se a necessidade de divulgação dos resultados parciais, enquanto um exercício de diálogo com os pares para a ampliação do campo de

¹ Aluna de mestrado da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – e-mail: martharaissa@hotmail.com

² Docente Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, coordenador do Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática - e-mail: wagner.valente@pq.cnpq.br

³ Pesquisa desenvolvida, a partir do Projeto: A Matemática da pedagogia e a Pedagogia da Matemática: (1939 – 1961), com financiamento da CAPES/Demanda Social.

⁴ “A Matemática na Formação do Professor do Ensino Primário: em Tempos de Escolanovismo (1930-1960)”. Projeto com financiamento do CNPq.

abordagens da investigação, bem como a identificação de equívocos e a possibilidade de dar cada vez maior clareza à produção. Este trabalho, então, responde a essa necessidade de divulgação de resultados parciais, dando continuidade a textos já elaborados na pesquisa⁵.

A quantidade mínima de pesquisas com contribuições de cunho historiográfico sobre o desenvolvimento da educação matemática no Brasil, em termos dos anos iniciais escolares, constatado em investigações anteriores realizadas pelo GHEMAT (VALENTE, 2007), tem estimulado a atenção deste grupo para o desenvolvimento de pesquisas neste campo e nível de ensino, do qual o presente trabalho se constitui enquanto recorte desse campo mais amplo abarcado pelo GHEMAT.

A realização deste trabalho toma por fundamento teórico-metodológico referências das pesquisas no campo científico da História, portanto, se enquadra enquanto uma produção desta, como também da História da Educação, conforme ressaltado por Valente (2007) ao discutir a relação indissociável dos aspectos teórico-metodológicos nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa GHEMAT. Nesse caso, compreende-se que há uma correspondência direta entre a escolha teórica e a metodologia necessária para a execução de determinado estudo, ao optar-se por uma dada concepção. A dissociação desses dois aspectos é entendida como uma dicotomia na percepção sobre teoria e prática de pesquisa.

Este estudo, então, se fundamenta nas contribuições da História Cultural, que teve como um de seus precursores Marc Bloch, uma importante referência na defesa do *status* científico da produção historiográfica, observada em seu texto fundador “Apologia da História, ou, o ofício do historiador” (2001). Este autor defende um modo crítico do fazer histórico, frente à tendência da simples busca por fatos do passado, justificando que, pelo contrário, o ofício do historiador consiste na produção dos fatos, levando em conta o passado como um contexto, não um dado em si. Quanto à produção histórica, afirma que: “[...] Seu objeto não é o passado [...] Seu objeto é ‘homens no tempo’”. (p.24).

Este estudo também toma como importante contribuição o trabalho do historiador da educação André Chervel (1990), em seu já clássico texto sobre História das disciplinas Escolares, uma produção que defende a importância da realização de pesquisas nesse âmbito a partir de uma perspectiva que considera a existência de uma *cultura escolar*, que

⁵Artigo: *A matemática da Pedagogia e a pedagogia da Matemática, estudos históricos*, apresentado na VI Semana da Matemática da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 08 a 12 de mai. 2012.

orienta e define a organização interna das instituições mesmo em relação às demandas exteriores que se impõe a elas. E no estudo dessa cultura escolar o autor atribui um lugar de destaque às disciplinas escolares, tomadas por ele como expressão das finalidades que permeiam a organização das ações no ambiente escolar, por isso justificando assim, a necessidade de serem compreendidas, analisadas, problematizadas.

Para a compreensão da formação matemática do pedagogo em tempos escolanovistas elencamos as disciplinas, oferecidas no curso de Pedagogia, vinculadas à matemática, as quais foram: *Complementos de Matemática e Estatística Educacional*.

Neste artigo, apresentamos resultados parciais de uma pesquisa, as fontes utilizadas ainda constam do que Chervel (1990) chamou de objetivos fixados, os quais podem não corresponder necessariamente aos objetivos reais, concretizados no fazer pedagógico, entretanto são indispensáveis como ponto de partida em uma investigação.

DO CENÁRIO IDEOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

O cenário no qual se realiza esta investigação refere-se a um momento de grandes mudanças para a educação brasileira. A década que antecede a 1930 foi marcada por uma série de movimentos em todo o país, como a criação da Associação Brasileira de Educação, em 1924; a primeira reforma educacional encabeçada por Sampaio Dória no estado de São Paulo; em 1928, na Bahia, com Anísio Teixeira⁶ e muitas outras reformas que se estenderam pelos vários estados do Brasil, culminando na criação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional”, em 1932, por Fernando de Azevedo⁷, constando da assinatura de outros 26 educadores envolvidos nas ações que vislumbravam audaciosas transformações no sistema educacional brasileiro - ainda em construção.

Esses educadores compartilhavam de um mesmo ideal, o escolanovismo, e em nome deste intentaram promover grandes mudanças nas práticas educativas. Essa concepção pedagógica defendia, sobretudo, o papel ativo da criança no processo educacional, sugerindo a necessidade de adequar os procedimentos para o ensino em função das

⁶ Anísio Teixeira, importante intelectual da educação brasileira, um dos principais representantes do movimento escolanovista no Brasil, signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, esteve à frente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, foi também o idealizador da Universidade do Brasil, dentre outros. (SAVIANI, 2010).

⁷ Assim como Teixeira, Azevedo foi um importante intelectual da educação brasileira, compartilhava das concepções renovadoras da educação, sendo o redator e signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova; foi também diretor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro e São Paulo entre as décadas de 20 e 30 (SAVIANI, 2010).

demandas dos alunos, respeitando seu tempo de maturação, seus interesses e trabalhando, sobretudo com a motivação para o sucesso na aprendizagem.

Tais concepções, aliadas ao processo de democratização da escola estimularam as pesquisas no sentido de conhecer o corpo dessa criança, perceber cientificamente as características do seu desenvolvimento a fim de poder propor um processo de ensino que respeitasse os limites e as potencialidades dos alunos. Tais pesquisas trouxeram uma gama de trabalhos sobre a criança através do tão explorado conhecimento médico-pedagógico, ao mesmo tempo em que se ampliou a discussão pela necessidade de uma formação científica do professor a partir desses parâmetros, como também ensejou uma luta pela elevação da educação a um *status* científico (MONARCHA, 2009).

Monarcha (2009) justifica a importância do estudo do período escolanovista pelo fato de neste período ter se divulgado de modo latente o ideal de reconstrução social e moral, atribuindo à educação a possibilidade de concretizar esse ideal; desta maneira, ela foi posta no centro da vida social, cultural e política do país.

No período aqui analisado a formação de professores do ensino primário, era realizada em nível médio, nas denominadas Escolas Normais. Essa formação sofria a influência da natureza do currículo do ensino secundário, de cultura geral, com maior ênfase nos conteúdos em detrimento da formação pedagógica dos futuros professores (TANURI, 2010), frente a uma concepção educacional que ia ampliando sua influência. O modo de pensar a educação, que o escolanovismo trouxe consigo, tornou imperiosa a necessidade de se pensar a formação de professores com extrema atenção nas questões pedagógicas, metodológicas, etc.

Este cenário – imperiosa necessidade de formação - favoreceu conquistas para o maior preparo dos professores das Escolas Normais, demandando a organização da formação em nível superior, necessidade sugerida no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (SAVIANI, 2010).

A aspiração pela formação de professores em nível superior se expressou concretamente através da organização dos Institutos de Educação – IE – como no caso de São Paulo, fundado em 1932, os quais foram incorporados à Universidade de São Paulo – USP- requerendo o *status* de produtor e disseminador de conhecimento no âmbito das “ciências da educação”, conforme proposta de reforma sugerida por Fernando Azevedo, em 1937 (BONTEMPI, 2007).

Entretanto, tal proposta foi abortada com a extinção do IE, em 1938, restringindo, novamente a formação do professor primário ao nível médio de ensino, nas Escolas Normais. Essa extinção preparou o terreno para a criação do curso de Pedagogia, que recebeu os professores do antigo IE (BONTEMPI, 2007). O curso de Pedagogia foi instituído na Faculdade Nacional de Filosofia, instalada no Rio de Janeiro, a partir do Decreto-Lei nº 1.190, que deu organização à esta faculdade, no ano de 1939, tornando-a modelo para as demais faculdades de Filosofia da época, dentre elas, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, que aqui está sendo analisada.

A finalidade do curso de Pedagogia, como dos demais da Faculdade de Filosofia, era o de formar os bacharéis – em três anos de curso -, conforme as suas especificidades, a partir de uma cultura desinteressada: “[...] preparar trabalhadores intelectuais para o exercício das altas atividades de ordem desinteressada ou técnica” (BRASIL, 1939)⁸. E, especificamente no caso de Pedagogia, refletir sobre as bases científicas e os fundamentos que norteavam o processo de educar, algo tão amplamente debatido e questionado à época.

Nesse formato, o pedagogo também poderia atuar na formação do professor do Ensino Secundário, nas Escolas Normais, e nas disciplinas do curso de Pedagogia. Entretanto, para que o bacharel em Pedagogia optasse pelo exercício da docência, fosse nas Escolas Normais ou Ensino Secundário, era necessário estudar, além dos três anos de curso, mais um ano o Curso de Didática, oferecido também pela Faculdade de Filosofia - não só para o curso de Pedagogia, como para todos os demais cursos da referida faculdade, concedendo-lhe o título de licenciado.

VESTÍGIOS DE UMA FORMAÇÃO MATEMÁTICA DO PEDAGOGO

Nessa investigação as disciplinas “Complementos de Matemática” e “Estatística Educacional” foram consideradas para análise a fim de compreender a matemática da formação do pedagogo, guiando-se especificamente pela questão: Aos quais objetivos elas atendiam para a formação do pedagogo? Qual a natureza dessas disciplinas quanto aos conteúdos?

Para tanto, foi necessário o acesso a documentos oficiais da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - FFCL da Universidade de São Paulo – USP, de natureza variada, os quais fazem referência à organização dessas disciplinas, tais como: Programas de Ensino

⁸ Art. 1º, alínea a do Decreto- Lei 1.190/ 39.

Aprovados pela Congregação, Anuários, Atas do Conselho Técnico Administrativo, Guias, etc., todos documentos da FFCL - USP.

À Respeito da disciplina *Complementos de Matemática*, consta no Anuário 1939 – 1949, da FFCL – USP (1953c) que a mesma foi instituída no currículo da Faculdade, para alguns cursos a partir do decreto 1.190/39, mas só começou a ser ministrada ao Curso de Pedagogia em 1940, pelo professor Fernando Furquim de Almeida.

A Cadeira VII, como também era identificada a disciplina Complementos de Matemática era oferecida na 1ª série dos cursos de: Química, Ciências Sociais e Pedagogia, estes dois últimos tinham em comum o fato de compartilhar a mesma disciplina, a mesma proposta de conteúdos – diferente da proposta da mesma disciplina para o Curso de Química -, e o fato de possuírem em seu currículo a disciplina Estatística, conforme consta no Guia da FFCLL – USP para o ano de 1943.

Tal consideração reforça a necessidade de se compreender o sentido da proposta da disciplina Complementos de Matemática para esses dois cursos: Viria atender uma necessidade matemática para o trabalho com a disciplina Estatística? Trata-se de uma proposta de formação geral? Se sim, por que não era oferecida para os demais cursos da faculdade?

Consideraremos algumas questões: a disciplina Complementos de Matemática não era organizada exclusivamente para o Curso de Pedagogia, como já foi demonstrado anteriormente; os seus professores eram todos licenciados do Curso de Matemática, as publicações destes professores em sua maioria, eram relacionadas com uma teorização da matemática (USP, 1953c).

Nessas condições, as hipóteses com as quais passaremos a trabalhar, quanto à finalidade da formação oferecida por meio dessa disciplina – Complementos de Matemática - são: 1 - da proposta de uma Formação geral inicial, pretendida pela Faculdade e 2 - de uma formação matemática que ensinasse aos pedagogos os conteúdos matemáticos necessários para a aprendizagem dos cálculos da disciplina Estatística Educacional.

A relação dessa formação com uma proposta de fornecer uma cultura geral, uma base matemática para os pedagogos pode ser considerada pelo fato de constar a mesma proposta de conteúdos tanto para o Curso de Pedagogia, como para o Curso de Ciências Sociais. Essa oferta em comum, com ausência de especificidades da proposta de conteúdos para a natureza de cada curso nos fez pensar em uma oferta da disciplina matemática a partir da

noção de um “conhecimento básico necessário”, de uma tradição matemática em função de disciplinar o espírito, de um conhecimento no campo dos “conteúdos desinteressados”. Entretanto outro ponto nos força a considerar a segunda hipótese quanto à função da disciplina Complementos de Matemática enquanto pré-requisito para a disciplina Estatística Educacional, atendendo á demanda de aprendizagem dos cálculos necessários nesta.

A disciplina Estatística Educacional foi oferecida ainda no Instituto de Educação, que ao ser extinto (em 1938) transferiu algumas das suas disciplinas para o então criado Curso de Pedagogia. Lourenço Filho, importante referência do período com o qual temos trabalhado, professor Catedrático de Psicologia Educacional da Faculdade Nacional de Filosofia – RJ, da Universidade do Brasil, defendeu a importância desse conhecimento para a educação em um texto amplamente divulgado com o título: *Estatística e Educação*, publicado no livro *Tendências da Educação Brasileira* (1940).

A educação defendida por Lourenço Filho (1940) precisava garantir a organização de um sistema de ensino, com objetividade dos processos educativos, por meio da compreensão da educação enquanto um processo racionalizado: observado, organizado e milimetricamente executado. Tais concepções foram defendidas como fundamentais, e para o alcance destas reconhecia o papel da estatística como motor dessa racionalização. As ideias defendidas por este autor, tanto influenciaram o cenário educativo como também se tornaram reflexo do sistema educativo que tivemos ao longo dos anos 30 em diante.

A partir do exposto nos Programas aprovados para o curso de Pedagogia dos anos de 1953, 1954, 1959 e 1960 a disciplina Estatística era oferecida em dois momentos, no segundo e terceiro ano deste curso (USP, 1953a, 1954, 1959 e 1960). No segundo ano do Curso de Pedagogia esta disciplina era apenas de caráter mais geral do uso da Estatística. É interessante notar que o curso de Sociologia, da FFCL, apresentava a mesma estrutura e proposta de conteúdos de Estatística que o curso de Pedagogia, bem como tinha o mesmo docente como responsável pela cadeira.

Quanto às questões mais internas de organização dessa disciplina encontramos que no primeiro momento de oferta desta, no segundo ano do Curso de Pedagogia, ela se apresenta de caráter mais geral do uso da Estatística, como consta no parágrafo introdutório do programa desta disciplina: “Evolução da Estatística e seu conceito atual, Estatística metodológica e estatística aplicada. Conceito de Estatística educacional” (USP, 194?, p. 291). Este último – Conceito de Estatística educacional - refere-se a um segundo

momento do oferecimento da disciplina, no terceiro ano do Curso, uma estatística educacional, com conteúdos voltados para situações do cotidiano escolar, envolvendo questões referentes à avaliação de alunos, reclassificação destes, questões relacionadas a planejamento educacional, etc.

É importante notar que o curso de Sociologia, da FFCL, apresenta a mesma estrutura e proposta de conteúdos da Estatística que o curso de Pedagogia – quando do primeiro momento da oferta dessa disciplina - tem o mesmo docente como responsável pela cadeira, assim como, tem também, em comum a disciplina Complementos de Matemática.

Ainda não se sabe o porquê, mas dos documentos até agora inventariados, nos anos de 1959 e 1960, a disciplina Estatística deixa de ser ministrada em comum para Pedagogia e Ciências Sociais e é apresentada como sendo ministrada em comum para o Curso de Pedagogia e o de Psicologia (USP, 1959 e 1960).

No segundo ano dessa disciplina – oferecida no terceiro ano do Curso de Pedagogia - , há uma inclinação do uso da Estatística especificamente no campo educacional, essa relacionada à busca por resultados e ao estabelecimento de padrões, de médias, sobretudo, no que diz respeito ao uso dos testes educacionais. Para esta temática reservou-se um semestre no qual se discutia a aplicação e uso dos dados estatísticos colhidos a partir dos testes (USP, 1953, 1954, 1959 e 1960).

Como já posto, anteriormente, o período no qual este trabalho se debruça contou com uma intensa contribuição da psicologia experimental, dos conhecimentos da antropometria para o campo educacional, expressos no então denominado conhecimento médico-pedagógico. Em meio a essas tendências o uso dos testes educacionais também tiveram ampla divulgação (MONARCHA, 2009).

A demanda por estes testes encontrou seu espaço em um período no qual se pretendia organizar uma proposta de sistema escolar que atendesse a todos, sobretudo, a partir da década de 30 o objetivo era fornecer uma educação em grande escala, Souza (2009) destaca que nesse período, o objetivo era “Encontrar os procedimentos mais adequados para favorecer a escolarização em grande escala” (p.37).

Para tal pretensão era necessário que os alunos tivessem o mesmo nível e o mesmo ritmo de aprendizagem, Este, então, passou a ser um dos grandes problemas com o qual se deparou a escola. Uma das saídas encontradas no período, e fortemente divulgadas foi a organização de classes cada vez mais homogêneas, para a realização do projeto educativo de educar em grande escala. Tal concepção de organização escolar é analisada da seguinte

forma por Souza: “Três aspectos tiveram impactos de longa duração: a ordenação do tempo, do espaço e do currículo escolar” (p.58).

Essa configuração escolar encontrou suas possibilidades no uso dos testes que possibilitaram a grande seleção dos “mais capazes” e uma imensa classificação do público escolar. É também nesse cenário que a disciplina Estatística educacional, reservava para um semestre o trabalho com o uso dos testes.

Em relação ao uso destes testes, vale a pena considerar o trabalho realizado pela pesquisadora Ivanete Santos (2006) a respeito do psicólogo Edward Lee Thorndike, no qual sinaliza a íntima relação que ele possuía com o conhecimento estatístico e cita a obra deste: *An introduction to the theory of mental and social measurements* (1904) como uma referência para aqueles que, no período se interessaram pela estatística.

No que diz respeito às limitações sinalizadas por Thorndike em relação ao uso desse conhecimento para a educação ele considerava insuficiente o conhecimento de estudantes para a aplicação de instrumentos de medidas, pois as referências para tais abarcavam sempre cálculos aritméticos muito abstratos, entretanto defendia como necessário tal conhecimento para alunos de educação e psicologia.

As discussões apresentadas até aqui compõe os elementos com os quais temos pensado a proposta de formação matemática do pedagogo no período de 1939 – 1961. O delineamento e a clareza do objetivo proposto para a disciplina Complementos de Matemática ainda é tímida, diferente dos objetivos da disciplina Estatística Educacional, que nos parece mais clara, a partir da “visualização” do contexto rapidamente apresentado neste trabalho.

CONSIDERAÇÕES

O período sobre o qual se debruça essa investigação tem uma importância singular para a história da educação brasileira, pois esta, expressa na forma escolar, começa a dar passos para uma democratização do acesso à escola, requerida como condição para o desenvolvimento do país. Aliado a isso, desponta-se a concepção escolanovista que intentou organizar procedimentos, métodos, estrutura, formação do professor, a fim de veicular uma educação eficaz, estruturada sob o aporte científico da época, portanto bem fundamentada, para a garantia de bons resultados da escolarização em massa.

Ao analisar, inicialmente, como sugere André Chervel (1990), os objetivos fixados, ou ideais da educação, expressos nesse texto pelos Programas do Curso de Pedagogia, Anuários, Atas do Conselho Técnico Administrativo, Guias, todos da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, algumas hipóteses foram levantadas, inicialmente a da proposta de uma formação de cultura geral e desinteressada da matemática no currículo do Curso de Pedagogia, a partir da análise do programa de conteúdos da Disciplina Complementos de Matemática e Estatística Educacional.

Outra hipótese diz respeito à disciplina Complementos de Matemática servir à preparação dos pedagogos para os cálculos necessários na resolução dos problemas estatísticos. Tal ponderação leva em conta o fato de o Curso de Pedagogia dividir durante cerca de dez anos as disciplinas Complementos de Matemática e Estatística com o Curso de Ciências Sociais.

As hipóteses aqui apresentadas estão sendo analisadas a partir dos documentos até agora encontrados, na tentativa de responder às questões elencadas quanto à natureza da formação matemática do pedagogo no período escolanovista. A clareza de tais questões nos auxiliará a pensar os propósitos das disciplinas aqui analisadas, a existência ou não de uma proposta de formação matemática, ou meramente à serviço dos conhecimentos necessários para o trabalho com a Estatística.

REFERÊNCIAS

Atas do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1946 – 1948, livro II.

Atas do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1948 - 1952, livro III.

BAUMANN, A. P. P. **O curso de Pedagogia e a formação de professores de Matemática para os primeiros anos de escolarização:** do nascimento do curso à década de 1970. In: BAUMANN, A. P. P.; MIARKA, R.; MONDINI, F.; LAMMOGLIA, B.; BORBA, M.C. (Orgs.). *Maria em Forma/Ação*. Rio Claro: Editora IGCE., p. 368 – 393. 1 CD, 2010.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 (1949).

BONTEMPI, JR. B. **A incorporação do Instituto de Educação pela FFCL – USP:** hipóteses para entender um campo cindido. GT: História da Educação/ nº 2, CNPQ, 2007. Disponível em <http://www.anped.org.br/app/webroot/reunioes/30ra/trabalhos/GT02-2872--Int.pdf>. Acesso abr. de 2012.

BRASIL, Decreto-Lei nº 1.190 de 04/04/1939. Organiza a Faculdade Nacional de Filosofia. 1939. Disponível em www.senado.gov.br. Acesso out. de 2011.

CHERVEL, A.(1990). História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, 2, 177 – 229.

LOURENÇO Filho, M. Bergstrom. *Tendências da Educação Brasileira*, São Paulo – SP: P. Melhoramentos, 1940.

MONARCHA, Carlos. *Brasil Arcaico, escola nova: ciência, técnica & utopia nos anos 1920- 1930*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

NUNES, C. e CARVALHO, M. M. Chagas. *Historiografia da Educação e Fontes*. Cadernos ANPED nº 5. Trabalhos apresentados na 15ª reunião anual da ANPED. Caxambú, de 13 a 17 de setembro de 1992. Porto Alegre, p. 7 – 60, 1993.

Proposta de programa de Estatística do Curso de Pedagogia para o ano letivo de 1956, organizada pelo professor Milton da S. Rodrigues. São Paulo, 1955.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 3 ed. rev. Campinas-SP: Autores Associados, 2010.

SOUZA, R. F. **Alicerces da Pátria:** História da Escola Primária no Estado de São Paulo (1890 – 1976). Campinas – SP: Mercado de Letras, 2009.

TANURI, M. L. História da Formação de Professores. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Ago/, nº 14, p. 61 – 88, Universidade do Estado de São Paulo: 2000.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Educação. Programas aprovados pela Congregação para o ano letivo de 1953. Curso de Pedagogia. São Paulo, 1953a.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Educação. Programas aprovados pela Congregação para o ano letivo de 1954. São Paulo, 1954a.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Educação. Programas aprovados pela Congregação para o ano letivo de 1953. Curso de Didática. São Paulo, 1953b.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Educação. Programas aprovados pela Congregação para o ano letivo de 1959. São Paulo, 1959.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Educação. Programas aprovados pela Congregação para o ano letivo de 1960. São Paulo, 1960.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Anuário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1939 - 1949. São Paulo, 1953c. V 1.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Anuário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1939 - 1949. São Paulo, 1953d. V 2.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Anuário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1950. São Paulo, 1952a.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Anuário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1951. São Paulo, 1952b.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Anuário da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1952. São Paulo, 1954b.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Guia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, 1943. São Paulo, 1943.

VALENTE, Wagner Rodrigues. **História da Educação Matemática:** interrogações metodológicas. Revemat – Revista Eletrônica de Educação Matemática. V 2.2, p. 28 – 49, UFSC: 2007.